

Manuscritos universitários para o estudo da Teologia na livraria do Mosteiro de Alcobaça

C A T A R I N A F E R N A N D E S B A R R E I R A *

Instituto de Estudos Medievais (IEM-FCSH/UNL)
fernandesbarreira@gmail.com

Resumo: Este artigo problematiza a presença, na livraria do Mosteiro de Alcobaça, de manuscritos universitários destinados ao estudo da Teologia, alguns copiados através do sistema da *pecia* e por isso relacionados com o contexto universitário parisiense da 2ª metade do séc. XIII, mais concretamente com o Colégio de S. Bernardo. A sua aquisição por monges de Alcobaça acompanha o interesse e a importância em torno dos estudos universitários que a Ordem de Cister demonstra de forma evidente a partir da 2ª metade do séc. XIII e reflete o dinamismo cultural do Mosteiro, dos seus abades e monges.

Palavras-chave: Mosteiro de Alcobaça, Manuscritos, Colégio de S. Bernardo, *Pecia*, *Scriptorium*.

University manuscripts for the study of Theology in the Monastery of Alcobaça library

Abstract: This article discusses the presence of university manuscripts for the study of theology in the Monastery of Alcobaça library. Some were copied in the *pecia* system and can therefore be placed within the context of the University of Paris in the second half of the thirteenth century, specifically at the College of St Bernard. The acquisition of these manuscripts by the monks of Alcobaça accompanied the growing importance attributed by the Cistercians to university studies from the same period onwards. This also extends to reflecting on the cultural dynamism of this monastery.

Keywords: Alcobaça Monastery, Manuscripts, College of Saint Bernard, *Pecia*, *Scriptorium*.

* IEM – Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Bolseira de Pós-Doutoramento FCT com a refª SFRH/BPD/70067/2010.

Considerações sobre o *scriptorium* e a livreria do Mosteiro de Alcobaça

A produção de manuscritos no Mosteiro de Alcobaça, fundado em 1153 por Claraval¹, teve início nos finais do séc. XII² e manteve-se, pelo menos, até ao séc. XVI. O funcionamento do *scriptorium* está atestado por um conjunto de manuscritos onde se pode confirmar esta origem, quer através de aspetos codicológicos como a encadernação³ (cerca de 80 manuscritos possuem a encadernação original⁴), quer através de testemunhos deixados nos manuscritos pelos copistas⁵. Da livreria do Mosteiro, principalmente alimentada pela produção do *scriptorium*, chegaram aos nossos dias, pelo menos, 466⁶ códices, o que, do ponto de vista cultural e patrimonial, é muito significativo porque, como referiu Emilia Jamroziak, poucas bibliotecas cistercienses sobreviveram intactas⁷. No que concerne aos manuscritos de uso litúrgico, a sua origem no *scriptorium* pode, também, confirmar-se através da presença, nos calendários, da festa da consagração da igreja de Alcobaça, celebrada a 20 de outubro e de outras particularidades inerentes à vida interna desta casa cisterciense⁸.

- 1 Saul Gomes – Revisitação a um velho tema: a fundação do Mosteiro de Alcobaça. In *Cister. Espaços, Territórios, Paisagens*. Actas do Colóquio Internacional. Lisboa: IPPAR, 2000, p. 28 e Adeline Rucquoi – Les cisterciens dans la Péninsule ibérique. In *Unanimité et diversité cisterciennes. Filiations – Réseaux – Relectures du XIIe au XVIIIe siècle*. Saint-Etienne: CERCOR – Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2000, p. 487-523.
- 2 Aires do Nascimento – Le scriptorium d'Alcobaça: identité et corrélations. *Lusitania Sacra*. 2^a série. 4 (1992), p. 155. Maria Adelaide Miranda – *A iluminura românica em Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça. Subsídios para o estudo da iluminura em Portugal*. Tese de doutoramento em História da Arte Medieval apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1996, 2 vols e Barbara Benulic – Cistercian Legendarium (Alc. 421) from Alcobaça: the problema of ornamented quire signatures. *Zbornik za umetnostno zgodovino*. 43 (2007), p. 205 - 218.
- 3 Aires do Nascimento e António Diogo – *Encadernação portuguesa medieval. Alcobaça*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.
- 4 Aires do Nascimento – Le scriptorium d'Alcobaça: identité et corrélations..., p. 154.
- 5 Como se pode ver, por exemplo, no Alc. 376, cf. Catarina Fernandes Barreira – Le Compendium theologicae veritatis de l'abbaye d'Alcobaça. In Maria Adelaide Miranda e Alicia Migulez (coord.) – *Portuguese Studies on Medieval Illuminated Manuscripts*. Barcelona-Madrid: Brepols Publishers, 2014, p. 105-129.
- 6 A partir do *Index Codicum* de 1755, o total de manuscritos no séc. XVIII era na ordem dos 483. In Aires do Nascimento – Em busca dos códices alcobacenses perdidos. *Didaskalia*. 9 (1979), p. 279. Entre 1833 e 1834, os manuscritos foram depositados na Biblioteca Nacional de Portugal (embora tenham desaparecido alguns manuscritos). Sobre esta incorporação ver: Paulo Barata – *Os livros e o liberalismo: da livreria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003. Deste conjunto, 8 manuscritos foram para a Torre do Tombo, mas juntaram-se aos da BNP nos anos 90 do séc. XX. Dois manuscritos que desapareceram já da Biblioteca Nacional, por volta de 1940: Alc. 64 e Alc. 132. Segundo Aires do Nascimento, há mais três manuscritos que estão na British Library. In Aires do Nascimento – Le scriptorium d'Alcobaça: identité et corrélations..., p. 151. Documentados estão mais dois manuscritos: um *Ordinário do Ofício Divino* que está na Biblioteca Nacional da Austrália, cf. Catarina Fernandes Barreira – Questões em torno dos Ordinários do Ofício Divino de Alcobaça. In Carla Varela Fernandes (coord.) – *Imagens e Liturgia na Idade Média*. Lisboa: Bens Culturais da Igreja, n.º 4, 2015, p. 131-152 e um *Ritual* pertencente à Paróquia de Salzedas, cf. Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas – Um Ritual de Alcobaça em Salzedas. In *Invenire*. Revista dos Bens Culturais da Igreja, n.º 12 (2016), p. 28-35. Ver também Luís Miguel Rêpas e Catarina Fernandes Barreira - Place and Liturgy in an Illuminated Ritual from Santa Maria de Alcobaça in Carla Varela Fernandes (coord.) – *Imagens e Liturgia na Idade Média*. Bens Culturais da Igreja. Lisboa: Secretariado para os Bens Culturais da Igreja, 2016 (no prelo).
- 7 Emilia Jamroziak – *The Cistercian order in Medieval Europe 1090-1500*. London: Routledge, 2013, p. 210.
- 8 Ver Catarina Fernandes Barreira – Questões em torno dos Ordinários do Ofício Divino de Alcobaça, p. 131-152 e Catarina Fernandes Barreira – Ficha do Ordinário do Ofício Divino e *Ars Manualis* in Luís U. Afonso e Maria Adelaide Miranda (coord.) – *O livro e a Iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, p. 125 e 126.

Da livreria de Alcobaça também fazem parte manuscritos com origem noutras *scriptoria*: por exemplo, o Alc. 143, *Martírio e Milagres de S. Tomás de Cantuária*, datado de 1185, da abadia de S. Mamede do Lorvão⁹ e o Alc. 162, um *Pontifical* para uso dos bispos, dos inícios do séc. XIII, originário de Braga¹⁰. Na livreria monástica encontramos ainda três Bíblias francesas do séc. XIII, recentemente estudadas por Luís Correia de Sousa e Patricia Stirnemann¹¹, o Alc. 458 (Normandie, 1225-1230), o Alc. 205 (Paris, 1235-245) e o Alc. 455 (Paris 1235-1240)¹². Vindo de França é também, segundo Aires de Nascimento, o Alc. 439, um volume de *Concordâncias Bíblicas*, uma cópia do “terceiro modelo elaborado pelos Dominicanos de St. Jacques em Paris, na parte final do séc. XIII, e difundido, a partir daí.”¹³ Por fim, salientamos o Alc. 235, um *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo dos finais do séc. XII, inícios da centúria seguinte, de origem italiana¹⁴.

Esta dinâmica, patente na constituição desta livreria monástica, é comum a outras bibliotecas medievais, incluindo as cistercienses: os livros necessários para responder à comunidade de monges, à sua espiritualidade, tinham a sua origem, por um lado, na produção do *scriptorium* e, por outro, na aquisição de manuscritos de origens distintas¹⁵. E à semelhança do que ocorreu em Claraval e noutras abadias cistercienses, também em Alcobaça, a partir do séc. XIII, a universidade teve um impacto considerável no enriquecimento da livreria¹⁶ como já havia sido mencionado por Maur Cocheril¹⁷.

Assim, é nossa intenção, ao longo do artigo, confirmar, do ponto de vista codicológico, a presença de manuscritos universitários na livreria de Alcobaça, nomeada-

9 *Inventário dos códices alcobacenses*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1930, p. 116; Fr. Francisco de Sá – *Index codicum Bibliothecae Alcobatiae, in quo non tantum códices recensentur, sed etiam quot tractatus, epistolae, &c. singuli códices contineant, exponitur, aliisque animadvertuntur notatu digna*. Lisboa: Tipografia Régia, 1775, p. 128.

10 Este Pontifical espelha a especificidade litúrgica deste local, diretamente relacionada com o Sul de França Joaquim Oliveira Bragança – Pontifical de Braga do séc. XII. *Didaskalia*. 7. (1977), p. 332 e Joaquim Oliveira Bragança – *Liturgia e Espiritualidade na Idade Média*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007, p. 421.

11 Luís Correia de Sousa – *Sacra Pagina. Textos e Imagens das Bíblias portáteis do século XIII pertencentes às coleções portuguesas*. Lisboa: Paulus Editora, 2015.

12 Patricia Stirnemann – Manuscritos bíblicos copiados no século XIII e conservados em Portugal. In Luís Correia de Sousa – *Sacra Pagina...*, p. 44 a 47.

13 Aires do Nascimento – Três notas alcobacenses. Um Códice perdido. Um Livro de Milagres. *Concordâncias Bíblicas*. *Didaskalia*. 12 (1982), p. 191.

14 Catarina Fernandes Barreira – Os Livros das Sentenças de Pedro Lombardo na Biblioteca de Alcobaça. In *Fiat Lux: Estudos sobre manuscritos iluminados em Portugal*. Invenire, Revista de Bens Culturais da Igreja; Número Especial 2015. Coord. Fernanda Campos. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2015, p. 32-39.

15 Ver Emilia Jamrozak – *The Cistercian order in Medieval Europe...*, p. 211 em diante.

16 Thomas Falmagne – Les Cisterciens et leurs bibliothèques. Troyes: Médiathèque du Grand Troyes, 2012 p. 32 e seguintes; Emilia Jamrozak – *The Cistercian order in Medieval Europe...*, p. 212 e 214; Anne Bondéelle – Trésors des moines. Les Chartreux, les Cisterciens et leurs livres. In André Vernet (dir.) – *Histoire des bibliothèques françaises. Les bibliothèques médiévales du Vie siècle à 1530*. Paris: Editions du Cercle de la Librairie, 2008, p. 108.

17 Maur Cocheril – Les Cisterciens portugais et les études. Etat de la question. In *Los Monjes y los estudios, IV Semana de Estudios Monásticos*. Poblet, 1961. Poblet, 1963, p. 241.

mente de *libri speculativae theologiae*, produzidos noutros *scriptoria* e contextualizar a sua presença no Mosteiro, articulados com o Colégio de S. Bernardo em Paris e, por fim, problematizar o seu impacto no *scriptorium* de Alcobaça.

1. O Colégio de São Bernardo em Paris

O nascimento da universidade de Paris em torno de 1200¹⁸ e o seu rápido desenvolvimento até cerca de 1245 favoreceu o aparecimento dos colégios e dos *studia* mendicantes. Segundo C. Obert-Piketty, o Colégio de S. Bernardo foi fundado em Paris em 1224 “par les abbés de Clairvaux, Raoul de la Roche-Aimon, Evrard de Clairvaux, enfin et surtout Étienne de Lexington.”¹⁹ Para além do papel dos abades de Claraval, e da crescente importância das ordens mendicantes, bem como dos seus *studia*, a Ordem de Cister não ficou indiferente ao clima de renovação intelectual, à importância dos estudos e a uma sólida formação teológica.

Tendo sido uma iniciativa de Claraval, a referida abadia, bem como as suas afiliações foram as grandes fornecedoras de estudantes, uma situação que se manteve até 1320, quando o Colégio foi comprado por Cister²⁰. Em 1245 o Capítulo Geral de Cister decidiu que cada província deveria ter um Colégio de Teologia, instalado num mosteiro, sendo os abades livres de enviar ou não os seus monges²¹.

No entanto, em 1287 e de acordo com Maur Cocheril, o Capítulo Geral de Cister enfatizou a importância dos estudos e da universidade para o contexto cisterciense, forçando as abadias com mais de vinte monges a enviar um estudante para um dos colégios da ordem, para estudarem Teologia²². Esta recomendação do Capítulo Geral deve ser entendida enquanto um reforço das orientações anteriores, relativas ao envio de monges para os colégios cistercienses, agora com um carácter obrigatório. Assistimos, deste modo, à fundação de novos colégios cistercienses: Montpellier e Estella em 1260 (este último, posteriormente, transferido para Salamanca) e Toulouse e Oxford em 1280²³.

18 Olga Weijers – *A Scholar's paradise. Teaching and debating in Medieval Paris*. Turnhout: Brepols, 2015; Jacques Verger – Les Institutions universitaires parisiennes avant 1245. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris (1200 – 1245 environ)*. Turnhout: Brepols, 2013, p. 27-47; Nathalie Gorochov – Le milieu universitaire à Paris. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris*, p. 50; Jacques Verger – *Les universités au Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 2013.

19 Caroline Obert-Piketty – La promotion des études chez les cisterciens à travers le recrutement des étudiants du Collège Saint-bernard de Paris au Moyen Age. *Cîteaux*. Institut d'Etudes Médiévales, Bibliothèque dominicaine de Albert-le-Grand. 39 (1988) p. 65.

20 Caroline Obert-Piketty – La promotion des études chez les cisterciense..., p. 64, 68 et 69 e Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires du Collège Saint Bernard. *Cîteau*. Institut d'Etudes Médiévales, Bibliothèque dominicaine de Albert-le-Grand. 39 (1989), p. 258.

21 Caroline Obert-Piketty – La promotion des études chez les cisterciense..., p. 67.

22 Maur Cocheril – Les Cisterciens portugais et les études..., p. 241.

23 Maur Cocheril – Les Cisterciens portugais et les études..., p. 241.

Segundo C. Obert-Piketty, no contexto do Colégio de S. Bernardo existiam dois tipos de livros: os que faziam parte da *libreria communis*, de uso coletivo e que se reconhecem pelo seu *ex-libris* (*communis libreria domus sancti Bernardi*²⁴) e os livros que os estudantes adquiriam, no âmbito do seu percurso académico, com o seu próprio dinheiro. Estes últimos regressavam com os estudantes para as abadias de origem²⁵. Cremos que foi isto o que aconteceu com um dos manuscritos do nosso *corpus*, o Alc. 261, como desenvolveremos mais adiante, onde o estudante que comprou o manuscrito se identifica como Pedro de Espanha, monge de Claraval (cuja menção deve ser entendida como abadia-mãe de Alcobaça? Ou era de onde provinha o monge?) e estudante do Colégio parisiense. C. Obert-Piketty afirma, a propósito do *colofon* do Alc. 261: “Ce manuscrit confirme l’existence des relations entre Alcobaça, fille de Clairvaux, et le collège parisien au XIIIe siècle (...) sans doute exista-il fréquemment des échanges de manuscrits entre Clairvaux et Alcobaça, échanges parallèles et complémentaires à la circulation des religieux”²⁶.

2. Os manuscritos universitários e a cópia à *pecia*

A designação de manuscritos universitários, uma construção contemporânea, diz respeito aos textos que circulavam entre os alunos que frequentavam os diversos graus de ensino na Universidade de Paris, neste caso, no período que nos interessa estudar, entre a segunda metade do séc. XIII e os inícios da centúria seguinte, até 1320, ano em que o Colégio foi adquirido por Cister, como dissemos atrás. Vamos restringir o nosso *corpus* de estudo aos manuscritos destinados ao estudo da Teologia²⁷, mais concretamente aos *libri speculativae theologiae* por se entrosar com a questão da fundação do Colégio de S. Bernardo em Paris e com o respetivo envio de monges, no mesmo período cronológico.

C. Obert-Piketty publicou a lista dos 57 manuscritos cuja pertença ao Colégio de S. Bernardo está documentada no próprio manuscrito²⁸. Desses 57 manuscritos, sabemos que 26 foram para a biblioteca de Claraval após 1320²⁹. A autora dividiu o conjunto de 57 manuscritos em cinco grupos, de tipologias distintas: a Bíblia e os seus comentários (48%); os Padres da Igreja (4%); os livros de Teologia

24 Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 249.

25 Marie-Henriette Pommerol – Livres d’étudiants, bibliothèques de collèges et d’universités. In André Vernet (dir.) – *Histoire des bibliothèques françaises...*, p. 123 e seguintes. Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 246, p. 249 et 258.

26 Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 247 e 260.

27 Segundo Aires do Nascimento, o livro de Teologia é “aquele que serviu de instrumento à estruturação da ciência teológica”. In Aires do Nascimento – O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência. *Didaskalia*. 25 (1995) p. 235.

28 Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 251 a 257.

29 Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 258.

e Escolástica (24%); os livros de sermões para a pregação e obras de espiritualidade (11%) e as Artes Liberais (13%)³⁰. Estes dados ajudam-nos a apreender as características específicas das leituras dos estudantes do Colégio e a sua articulação com os *curricula*, que abordaremos de seguida, o que permitirá contextualizar os manuscritos da livraria de Alcobaça, objeto do nosso estudo.

Na universidade de Paris, os textos que estavam na base do ensino, necessários para os estudantes prosseguirem estudos no campo da Teologia³¹ eram, numa fase inicial, o estudo da Bíblia e dos seus comentários, fundamental para a obtenção do grau de *Bacharel biblicus*³²; o passo seguinte consistia em comentar o *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo, necessário para a obtenção do grau de *Bacharel sententiarium*³³. Segundo Claire Angotti, a realização de um *Comentário* à obra de Lombardo passou a fazer parte dos currículos da Faculdade de Teologia de Paris, entre 1240 e 1250, um modelo seguido depois por outras universidades europeias³⁴. Para a realização deste complexo exercício, os estudantes podiam preparar-se através das leituras dos seus comentadores mais destacados, nomeadamente Boaventura e Tomás de Aquino³⁵, o que os tornava mais aptos para a realização do comentário às *Sentenças*³⁶.

Face ao desenvolvimento dos estudos universitários e ao número de estudantes e mestres que precisavam de manuscritos, a resposta da universidade foi a de organizar e controlar um sistema eficaz e rigoroso de cópia de textos. Foi deste modo que nasceram as oficinas de cópia, regulamentadas para que a transmissão textual se fizesse de forma rigorosa. O estacionário preparava um *exemplar* do texto pretendido, validado pela universidade como a versão-modelo, formado por cadernos soltos, de poucos fólios, não encadernados³⁷. Esses cadernos – *peciae* – eram

30 Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 251 e seguintes.

31 Gilbert Dahan – L'enseignement de la théologie. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris...*, p. 249 e seguintes e Gilbert Dahan – L'enseignement de l'écriture. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris...* p. 255-269.

32 Jacques Verger – *Les universités au Moyen Age...*, p. 66.

33 Philipp W. Roseman – *The story of a great medieval book. Peter's Lombard Sentences*. Canada: Broadview Press, 2007, p. 60 e seguintes. Pierre Lombard e Marc Ozilou (Intr., trad. e notas) – *Les quatre livres des Sentences. Premier Livre*. Paris: Editions du Cerf, 2012, p. 33-35; Jacques Verger – *Les universités au Moyen Age*, p. 66. Ricardo Saccenti – Questions et Sentences: l'enseignement entre la fin du XII^e et le début du XIII^e siècle. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris...*, p. 275 a 293. Marta Borgo – L'enseignement des Sentences pendant la première moitié du XIII^e siècle. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris...*, p. 295 a 314.

34 Claire Angotti – Les débuts du Livre des Sentences comme manuel de théologie à l'Université de Paris. In *Université, Église, Culture. L'Université Catholique au Moyen-Âge, Actes du 4ème Symposium*. Lovaina: Katholieke Universiteit Leuven, 2007, p. 84 e 85.

35 Boaventura é Bacharel bíblico em 1248 e em 1250 Bacharel *Sentenciário*; Aquino é Bacharel bíblico em 1252 e Bacharel *Sentenciário* entre 1253/4, cf. São Boaventura – *Itinerário da mente para Deus*. Leitura e introd. de Maria Manuela B. Martins. Porto: Centro de Estudos Franciscanos, 2009, p. 11.

36 Marie-Henriette Pommerol – Livres d'étudiants, bibliothèques de collèges et d'universités. In André Vernet (dir.) – *Histoire des bibliothèques françaises...*, p. 138. Olga Weijers – *A Scholar's Paradise...*, p. 41.

37 Donatella Nebbiai – *Le discours des livres*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013, p. 146 e seguintes.

alugados para cópia, por vários copistas em simultâneo, que eram depois pagos pela quantidade de *peciae* copiados. Esta eficácia também se refletia no tempo necessário para fazer cada manuscrito, muito mais rápido que nos métodos de cópia tradicionais. Nos manuscritos copiados através deste método são por vezes visíveis as marcas que indicam o início ou o fim da *pecia*³⁸ e o respetivo número: *prima pecia* ou *finit xxxix pecia*. Este método de cópia está documentado junto das universidades de Bolonha, Paris, Oxford, Toulouse, Pádua, Perugia, Treviso, Florença, Salamanca³⁹, etc. Sobreviveram duas listas de estacionários de Paris, datadas de 1275 e 1304, onde foram registados os preços de manuscritos à *pecia* e o número de *peciae* que constituía cada *exemplar*⁴⁰.

A existência de manuscritos copiados à *pecia* na livreria de Alcobaça já havia sido documentada há quatro décadas atrás por Isaías da Rosa Pereira: “procurei fazer uma prospeção no núcleo dos códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa. Consultei 54 códices, examinando fôlio por fôlio e tive a inesperada compensação de encontrar três manuscritos universitários em que é perfeitamente visível a indicação da *pecia*”⁴¹.

São eles os manuscritos Alc. 261, Alc. 264 e Alc. 265. Isaías da Rosa Pereira refere ainda que viu outros manuscritos onde lhe pareceu deparar com o mesmo tipo de produção, mas que o estudo dos mesmos era complexo e exigiria mais pesquisa. Infelizmente, Isaías da Rosa Pereira não prosseguiu com os seus trabalhos. É essa tarefa que decidimos, humildemente, continuar.

3. O *corpus* de manuscritos universitários em Alcobaça

Este estudo é um *work in progress*, o que significa que poderá ser enriquecido, no futuro, com mais manuscritos, à medida que a nossa investigação sobre a livreria do Mosteiro de Alcobaça progride. Vamos fazer uma breve apresentação dos mesmos, tendo em conta a sua caracterização enquanto manuscritos universitários destinados ao estudo da Teologia, como as *Sentenças* de Pedro Lombardo e os

38 A *pecia* foi estudada por Jean Destrez, *La pecia dans les manuscrits universitaires du XIIIe et XIVe siècle*. Paris: 1935 e em contexto nacional por Isaías da Rosa Pereira – A *Pecia* em manuscritos universitários. Estudo de três códices alcobacenses dos séculos XIII e XIV. *Anais da Academia Portuguesa de História*. 22 (1973) 245-267. Recentemente o tema da reprodução de manuscritos através da *pecia* tem sido alvo de inúmeros estudos, destacando-se o trabalho de Giovanna Murano – *Opere diffuse per exemplar e pecia*. Turnhout: Brepols, 2005. Ver também: Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*; Marie-Henriette Pommerol – *Livres d'étudiants, bibliothèques de collèges et d'universités*. In André Vernet (dir.) – *Histoire des bibliothèques françaises...*, p. 129; Jacques Verger – *Les universités au Moyen Age...*, p. 63.

39 Paloma Cuenca Muñoz – *El libro en el siglo XIII: La pecia*. In *Jornadas sobre Documentación del reino castellano-leonés (siglos X-XIII)*. Madrid: UCM, 2002, p. 236.

40 Publicada a de 1304 por Heinrich Denifle e Albert Chatelain (eds.) – *Chartularium Universitatis Parisiensis, vol.2/1: Ab anno MCLXXXVI ad annum MCCCCL* (Ex typis fratrum Delalain, Parisiis, 1891; repr.: Culture et Civilisation, Bruxelles, 1964) n. 642, p. 107-110.

41 Isaías da Rosa Pereira – A *Pecia* em manuscritos universitários..., p. 262.

seus *Comentários*, obras de especulação teológica, *Comentários Bíblicos*, entre outras. Algumas informações codicológicas sobre os manuscritos serão apresentadas sob a forma de tabela (Tabela 1). Mais adiante, vamos tentar atribuir-lhes uma datação aproximada, partindo de uma metodologia específica, ensaiada por Patricia Stirnemann. Esta metodologia tem em conta as características da decoração iluminada dos manuscritos, nomeadamente das suas iniciais de cor filigranadas produzidas em estacionários parisienses.

Tabela 1

	Medidas	Nº total de fólios	Cadernos	Texto	Nº de linhas
Alc. 417	448 × 315 mm	310 fólios	Sénios, 26 cadernos	2 col.	38 a 39 linhas
	Indicação do estacionário no fl. 70				
Alc. 261	361 × 252 mm	269 folios	Sénios, 23 cadernos	2 col.	51 linhas
	Exibe todas as marcas de <i>pecia</i> , num total de 90. Indicação: <i>ff[init] ii p</i> (a última <i>pecia</i> XC está assinalada na margem do fl. 263)				
Alc. 269	333 × 225 mm,	235 fólios	Sénios, 20 cadernos	2 col.	47 linhas
Alc. 265	340 × 230 mm	191 folios	Sénios, 16 cadernos	2 col.	49 linhas
	Marcas de <i>pecia</i> : fl. 43 XI <i>p^a</i> ; fl. 60 XX <i>p^a</i> ; fl. 65 XXI <i>p^a</i> ; fl. 96 XXVIII <i>p^a</i> ; no fim do fl. 105v está assinalada a <i>pecia</i> XXX <i>p^a</i> , que é novamente assinalada na margem de cabeça do fl. 106; fl. 110v XXXI <i>p^a</i> ; fl. 115 XXXII <i>p^a</i> ; fl. 120 XXXIII <i>p^a</i> e no fl. 133 a última <i>pecia</i> XXXVI <i>p^a</i> .				
Alc. 266	355 × 235 mm	187 folios	Sénios, 16 cadernos	2 col.	55 linhas
Alc. 264	330 × 235 mm	162 fólios	Sénios, 14 cadernos	2 col.	42 a 46 linhas
	Marcas de <i>pecia</i> : fl. 30v <i>Ā pe</i> ; fl. 53v XVI <i>i[n]cip[it]</i> ; fl. 57v XVII <i>pecia</i> ; fl. 69 XX; fl. 97 <i>incip[it]</i> XXVII <i>pec^a</i> ; fl. 101v XXVIII <i>pec^a incip[it]</i> ; fl. 106 <i>incipit</i> XXIX <i>p</i> ; fl. 110 XXX; fl. 114 XXXI <i>pe^a</i> ; fl. 118 XXXII <i>pe^a</i> ; fl. 122 XXXIII <i>pe^a</i> ; fl. 130 XXXV <i>pe^a</i> ; fl. 133v XXXVI <i>pe^a</i> ; fl. 137v XXXVII <i>pe^a</i> ; fl. 141 XXXVIII <i>pe^a</i> ; fl. 148v XL <i>pe^a</i> ; fl. 152v XLI <i>pe^a</i> .				
Alc. 40	190 × 130 mm	372 fólios	Sénios, 31 cadernos	2 col.	40 linhas
	Marcas de <i>pecia</i> : fl. 158v <i>finit</i> XIX <i>pe</i> ; fl. 164 <i>finit</i> XXX <i>pe</i> ; fl. 169v <i>finit</i> XXXI <i>pe</i> ; fl. 175 <i>finit</i> XXXII <i>pe</i> ; fl. 180 <i>finit</i> XXXII <i>pe</i> ; fl. 186 <i>finit</i> XXXIII <i>pe</i> ; fl. 191 <i>finit</i> XXXV <i>pe</i> ; fólho 196 <i>finit</i> XXXVI <i>pe</i> ; fl. 200 <i>finit</i> XXXVII <i>pe</i> ; fl. 210v <i>finit</i> XXXIX <i>pe</i> ; fl. 215v <i>finit</i> XL <i>pe</i> ; fl. 220 <i>finit</i> XLI <i>pe</i> ; fl. 236v <i>finit</i> XLIII <i>pe</i> ,				

3.1. Alc. 417, *Sententiarium Liber* de Pedro Lombardo⁴²

Este manuscrito foi adquirido por 60 libras (de Bolonha) como aparece escrito no verso do fólho de guarda (Fig. 1) ocultado atualmente por uma proteção de tecido⁴³. Sobre este montante, ele corresponde ao praticado na época, tal como assinalado por Jacques Verger: “À Bologne, il fallait de dix à quinze mois pour copier un manuscrit juridique et, même sans enluminures, il coûtait de 20 à 60 livres bolonaises, à une époque où le salaire annuel des professeurs était de 150 à 200 livres.”⁴⁴

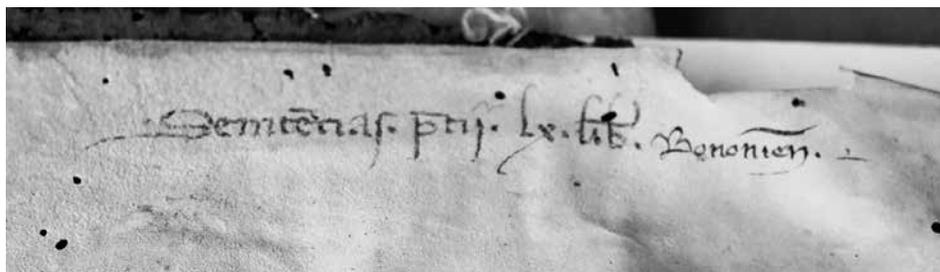


Fig. 1 – Alc. 417, pomenor do verso do fólho de guarda © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

É um manuscrito caracterizado por uma grande homogeneidade e regularidade, pelo que o fl. 69 se destaca pelas diferenças que o caracterizam: introduzido no 6º caderno (contabilizando assim 13 fólhos), o texto foi escrito por outra mão, com um tipo de escrita diferente, mais fina e alta. Também difere a cor da tinta e o texto do verso deste fólho não ocupa a largura das colunas, produzindo um estranho recorte. Os capítulos foram assinalados, à semelhança dos outros, com uma inicial de cor filigranada mas não foi redigido o texto das rubricas, ficando o espaço em branco.

É no fólho seguinte que encontramos a explicação: no fl. 70, na margem superior onde o manuscrito foi aparado, lê-se *h[ic] deficit multum*: a nossa proposta de reconstituição é “aqui falta muito [texto]” (Fig. 2), uma menção observável nos manuscritos feitos à *pecia*. Esta nota foi decerto assinalada ou pelo revisor do texto, ou pelo estacionário, ao detetar um erro relativo à transcrição do texto pelo copista – o

42 Sobre este manuscrito, ver: Catarina Fernandes Barreira – A importância de um manual universitário na abadia de Alcobaça: os quatro livros das Sentenças de Pedro Lombardo (Alc. 417), cf. Catarina Fernandes Barreira (coord.) – *Luz, cor e ouro. Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2016 (no prelo). Catarina Fernandes Barreira – Os Livros das Sentenças de Pedro Lombardo na Biblioteca de Alcobaça..., p. 32-9; Aires do Nascimento – O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência..., p. 250. Aires do Nascimento e António Diogo – *Encadernação portuguesa medieval...*, p. 23, Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500 / Inventário do Património Cultural Móvel*. Lisboa: Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994, p. 224. *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 398 e seguintes; Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça* [Manuscrito], 1723, p. 97.

43 Já assinalado em Aires do Nascimento e António Diogo – *Encadernação portuguesa medieval...*, p. 23.

44 Jacques Verger – *Les universités au Moyen Age...*, p. 64.

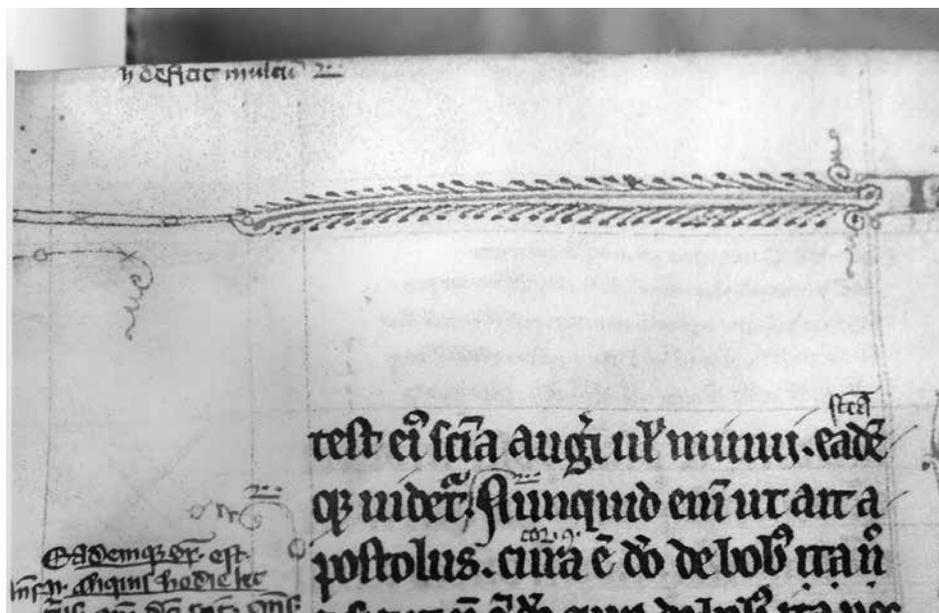


Fig. 2 – Alc. 417, pormenor da margem superior do fl. 70 © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

texto correspondente ao fl. 69 não foi copiado – isto poderá, muito provavelmente, dever-se, ou ao cansaço do copista, que se esqueceu de copiar o texto todo, ou ao manuscrito para cópia estar já muito usado, corrompido e por isso pouco legível, ou ainda que a cópia do texto foi feita a partir de um exemplar das *Sentenças* incompleto. A solução encontrada para colmatar o texto que não foi copiado consistiu em inserir um fólio a meio do 6º caderno, um fólio que continha o texto em falta, relativo aos capítulos 2, 3 e 4 da *Distinção XXXIX* do Livro I das *Sentenças*. A irregularidade deste fólio justifica-se porque a quantidade de texto em falta não preencheu o espaço das duas colunas do verso do fólio e o texto ficou, por esse motivo, recortado. Fica por explicar a ausência das rubricas, embora fossem copiadas as respetivas iniciais de cor filigranadas.

A partir da análise destes dados podemos afirmar que a origem deste códice não pode ter sido o *scriptorium* da abadia de Alcobaça, mas sim um centro de produção livreiro ligado à universidade. Este último argumento é ainda confirmado pela extensão de notas e comentários que o manuscrito exhibe ao longo dos seus fólhos. Claire Angotti ao abordar as *Sentenças* enquanto manual de teologia universitário⁴⁵ refere, a propósito de outros manuscritos das *Sentenças*, comprovadamente ligados à

45 Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 57 e 124.

universidade, que as anotações das margens dos fólhos constituem uma glosa⁴⁶. Por exemplo, no Alc. 417 o termo *paupercola*⁴⁷ é acompanhado por uma glosa interlinear – *Luc xxi* (Lucas 21, 1-2) e *Marc xii* (Marcos 12, 42-43), tal como acontece no fólho do prólogo do Alc. 417 (Fig. 3). A margem de cabeça do referido fólho exhibe duas notas ligadas ao termo *penuria*. Na margem de goteira do mesmo fólho há uma extensa nota sobre *caritas*, uma citação da obra *De Trinitate* de Sto. Agostinho: *quas bigas in nobis agit Christī caritas* e, na margem, uma nota a esclarecer sobre o termo *bigas*⁴⁸. Ou seja, este manuscrito, à semelhança dos manuscritos das *Sentenças* da Sorbonne, foi estruturado para que nas suas margens existisse espaço suficiente para os comentários e notas, tal como entre as linhas de texto, onde propositamente existe espaço para as glosas interlineares⁴⁹.

No que concerne à decoração iluminada, este códice contém cinco iniciais ornadas, uma para o prólogo, a maior e a mais importante em termos de hierarquia visual, e uma inicial para assinalar o começo de cada um dos quatro livros das *Senten-*

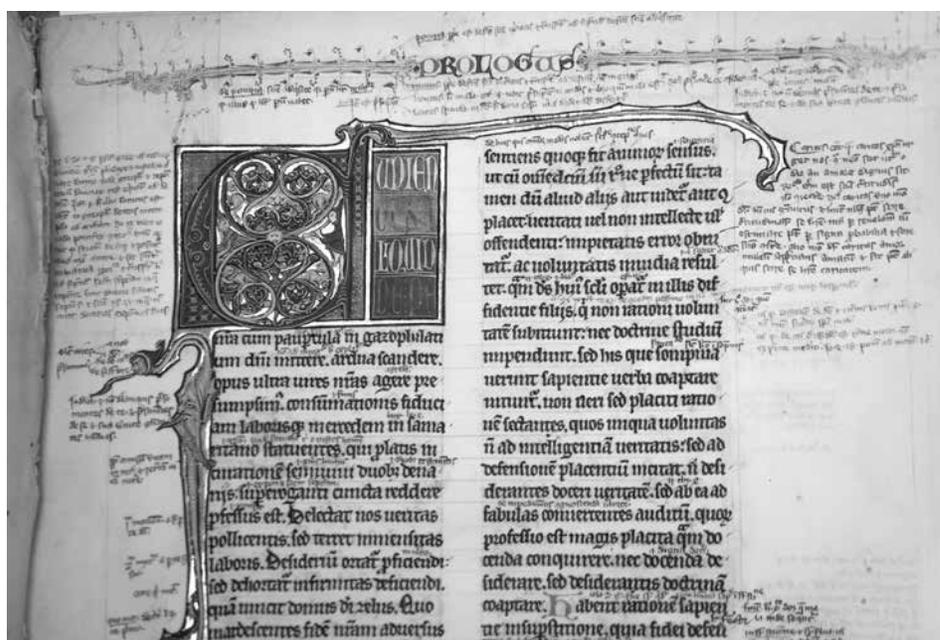


Fig. 3 – Alc. 417, inicial do Prólogo, fl. 1 © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

46 Gilbert Dahan – L'enseignement de la théologie. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris*, p. 250 e Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 87.

47 Significa pobre, talvez *pobrezinha*, diminutivo de *pauper* ou necessitado, e articula-se com o gesto da viúva nos evangelhos bíblicos, conforme Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 88.

48 Uma biga é um carro puxado por dois cavalos usado em contexto de guerra, cf. Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 92.

49 Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 87.

ças. Cada capítulo foi pontuado com capitulares de cor filigranadas a azul e vermelho e a margem de cabeça também exibe decoração filigranada a enquadrar o número do livro.

Todos estes indícios, bem como a análise das iniciais, permitem apontarmos para uma origem francesa do Alc. 417. Salientamos, igualmente, a hipótese levantada por Patricia Stirnemann no que concerne à grande proximidade da decoração iluminada do manuscrito com os produzidos em Cambrai, pista que pretendemos aprofundar no futuro e contextualizar através do confronto com outros manuscritos iluminados produzidos nesse local.

3.2. Alc. 261, *Comentário ao IV livro das Sentenças*, Tomás de Aquino⁵⁰

Tomás de Aquino redigiu os comentários ao Livro I e II das *Sentenças* de Lombardo entre 1254 e 1255 e os comentários aos Livros III e IV entre 1255 e 1256⁵¹: os manuscritos que chegaram até nós confirmam que as questões colocadas por este dominicano nos seus *Comentários às Sentenças* tiveram uma difusão rápida em contexto universitário⁵².

Este manuscrito, assinalado por Isaías da Rosa Pereira⁵³ é significativo porque exibe todas as *peciae*, num total de 90: as *peciae* são de três em três fólhos e algumas de dois em dois (Fig. 4).

No fl. 265v, temos o *Explicit q[ua]rtus s[e]ntenciaru[m] s[e]c[un]dum f[ra]trem thomam de aquino ordinis predicatorum deo gracias* e no fim do manuscrito, entre os fl. 266 e fl. 269v, foi-lhe adicionado um índice, com os capítulos distribuídos em três colunas e que não deve distar muito cronologicamente da data de cópia do manuscrito, apesar de exibir uma letra diferente. No fl. 269, no final do índice lê-se: *Iste liber est fr[at]ris Pet[ri] de Hispania monachi Clar[evallis] studentis apud sanctum Ber[nardum] Par[isius] ...*⁵⁴ (Fig. 5) e a indicação que o manuscrito foi adquirido em 1285 pela

50 Sobre este manuscrito ver: Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaca*, p. 98. *Inventário dos códices alcobacenses*, p. 233. Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500*, p. 179. Aires do Nascimento – O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência, p. 251. Isabel Cepeda – A produção universitária e a Iluminura em Portugal nos sécs. XIII a X. In Maria Adelaide Miranda e Aires do Nascimento (eds.) – *A Iluminura em Portugal. Identidades e Influências (do séc. X ao XVI)*. Lisboa, 1999 p. 282 a 283. Deusdado Ferreira – La philosophie thomiste en Portugal. Notes pour servir à l'histoire de la philosophie en Portugal. *Revue néo-scolastique*. 19 (1898) p. 307 e 308. Isaías da Rosa Pereira – A Pecia em manuscritos universitários..., p. 262-265 e Isaías da Rosa Pereira – Quelques manuscrits datés du fonds d'Alcobaca (Lisbonne). *Calames et Cahiers*. CEM, Bruxelles (1985) p. 135. Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 247 et 260.

51 Philipp W. Roseman – *The story of a great medieval book. Peter's Lombard Sentences...*, p. 80.

52 Neste âmbito ver Marta Borgo – L'enseignement des Sentences pendant la première moitié du XIII^e siècle..., p. 307 e seguintes.

53 Isaías da Rosa Pereira – A Pecia em manuscritos universitários..., p. 263 a 265.

54 Sobre a questão da *peregrinatio* académica e este manuscrito, ver Mário Farelo – Os estudantes e mestres portugueses nas escolas de Paris durante o período medievo (sécs. XII-XV): elementos de história cultural, eclesial e económica para o seu estudo. *Lusitania Sacra*. 2^a série. 13-14 (2001-2002), p. 191 e Maur Cocheril – Les Cisterciens portugais et les études. Etat de la question..., p. 242.

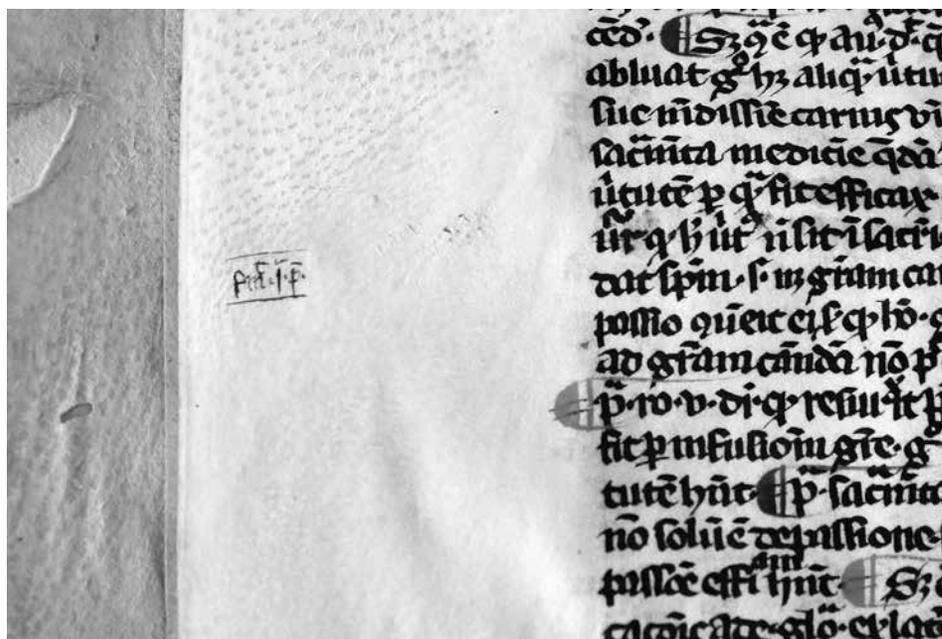


Fig. 4 – Alc. 261, indicação de pecia, fl. 3v © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

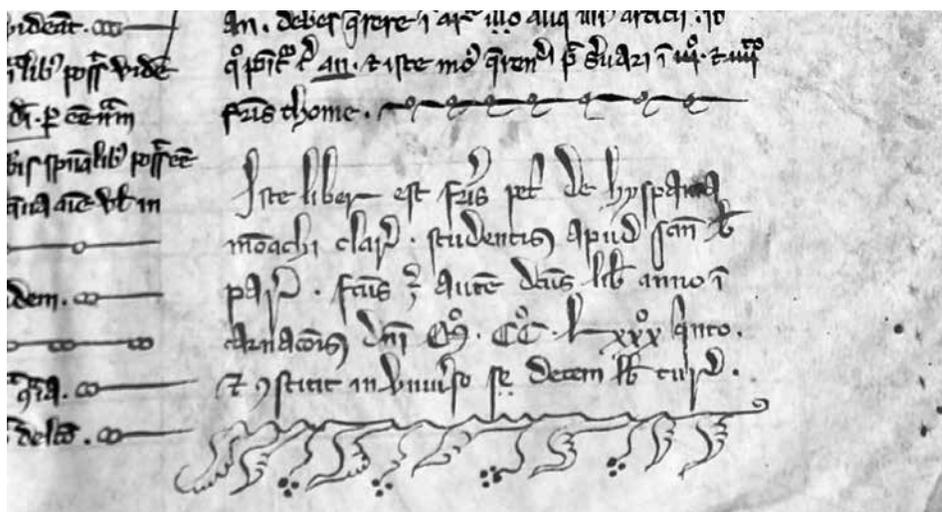


Fig. 5 – Alc. 261, fl. 269 © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

quantia de 10 libras de Tournai. Da leitura da nota, não há, deste modo, qualquer dúvida de que se trata de um manuscrito de uso universitário, adquirido por Pedro de Espanha, monge de Claraval, estudante do Colégio de S. Bernardo, em Paris.

Em relação à decoração iluminada, o fl. 1 tem uma inicial ornada, cuja haste da margem de cabeça exhibe uma lebre a ser perseguida por um cão, cena que se repete na haste da margem de pé, com um pássaro a observar. Este emolduramento do primeiro fólio através das hastes da inicial com animais é muito comum em manuscritos com origem francesa deste período. De acordo com Mary Carruthers e Elizabeth M. Hunt, “birds, like memories, need to be hunted down”⁵⁵, ou seja, as representações de pássaros e de caçadas ou perseguições, que vemos em manuscritos contemporâneos deste, tinham uma função mnemónica, aqui reforçada pela presença da lebre perseguida pelo cão, com o pássaro a observar⁵⁶. Para Carruthers “such images are not iconographical, nor they illustrate or explain the content of a particular text. They serve the basic function of all page decoration, to make each page distinct and memorable”⁵⁷.

A destacar cada *Distinctio*, num total de 50, uma inicial de cor com filigrana e hastes em alternância cromática azul/vermelha. A assinalar os capítulos, iniciais de cor com filigrana mais simples e mais pequenas.

3.3. Alc. 269, *Summa Theologica I*, Tomás de Aquino⁵⁸

Tomás de Aquino redigiu a *Summa*⁵⁹ entre 1265 e 1274, ano da sua morte. É composta por três partes ou livros, em que a Parte II ainda se subdivide em duas partes. Após uma demorada observação deste manuscrito, não encontramos nenhuma marca de *pecia*, no entanto, pensamos que se enquadra neste conjunto de manuscritos, com origem nos estacionários da universidade por causa das suas características codicológicas, em tudo semelhantes às do manuscrito anterior.

No que concerne à decoração iluminada, no fl. 1 temos uma inicial historiada e o respetivo *incipit*: *Summa de teologia edita a fratre thoma de aquino ordinis fratrum praedicatorum liber primus*. Dentro da inicial, a representação de uma figura masculina sentada – que interpretamos como sendo Tomás de Aquino – de hábito branco e manto cinzento, defronte de um pequeno púlpito onde está pousado um livro, perante uma figura (Fig. 6). Infelizmente, a inicial parece ter sido raspada, tendo

55 Mary Carruthers – *The book of memory: a study of memory in medieval culture*. Cambridge: University Press, 1993, p. 323.

56 Elizabeth M. Hunt – Opening Books, Underlining Authorities. In Elizabeth M. Hunt (coord.) – *Illuminating the borders of Northern French and Flemish manuscripts 1270-1310*. Londres: Routledge, 2007 p. 151.

57 Mary Carruthers – *The book of memory...*, p. 323.

58 Sobre este manuscrito, ver Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 99. Deusdado Ferreira – *La philosophie thomiste en Portugal...*, p. 310. *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 239. Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500...*, p. 183. Isabel Cepeda – *A produção universitária e a iluminura em Portugal nos sécs XIII a XV...*, p. 284 a 285.

59 No âmbito da docência universitária, em Paris entre 1252 a 1259, em Nápoles entre 1259 a 1268 e novamente em Paris entre 1268 a 1272. In Jacques Verger – *Les universités au Moyen Âge...*, p. 93.



Fig. 6 – Alc. 269, pormenor da inicial historiada, fl. 1 © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

desaparecido parte do livro e a cabeça da figura. As hastes são dois dragões, com um terceiro dragão na margem de pé a emoldurar a coluna de texto.

As iniciais que assinalam as 119 *Quaestiones* são iniciais puzzle⁶⁰, filigranadas, com as hastes em alternância cromática azul e vermelha, e os capítulos foram pontuados com iniciais de cor filigranadas, próximas às do manuscrito anterior. As *Quaestiones* estão também assinaladas na margem de cabeça e nas margens laterais, com números romanos, a azul e vermelho. As características da inicial historiada e das iniciais filigranadas estão muito próximas dos manuscritos franceses desta época e por isso inclinamo-nos para uma origem francesa deste manuscrito.

No fl. 229v lê-se: *Explicit liber p[ri]m[us] summe fr[at]ris thome de aquino ord[in]is fr[atru]m p[rae]dicator[um] magistri in theologia*. Entre os fl. 230 e fl. 233v tem uma tábua de capítulos, com as questões e os respetivos capítulos, ao que tudo indica contemporânea da cópia do manuscrito e com o *Expliciu[n]t capit[itu]la p[ri]me p[ar]tis summe* e, entre os fl. 234 e fl. 234v, um índice alfabético de assuntos tratados neste primeiro livro da *Summa*, adicionado posteriormente, mas não muito distante cronologicamente.

60 Sobre este termo, inicial *puzzle*, ou *partida* (initiale partie) “le corps de la lettre est découpé comme un puzzle, en deux parties, chacune peinte d’une couleur différent, généralement en rouge et en bleue” (Patricia Stirnemann – La décoration in Paul Géhin – Lire le manuscrit médiéval. Paris: Armand Colin, 2013, p. 129).

3.4. Alc. 265, *Comentário ao III livro das Sentenças*, Tomás de Aquino⁶¹

Este manuscrito está incompleto: falta-lhe o primeiro fólio, que continha o início da *Distinctio I*; faltam-lhe um ou dois cadernos entre os fólhos 47v e 48, porque passamos da *Distinctio VII* para a *Distinctio XIII*, ou seja, faltam seis distinções ao texto. Também o reclame do fl. 47v não coincide com o texto que inicia o caderno no fl. 48. No 9º caderno falta um bifólio (entre os fl. 100 e fl. 101). Igualmente, entre os fólhos 165v e 166 falta um caderno, que conteria somente a *Distinctio XXXV*, hipótese esta reforçada pelo facto do reclame do fl. 165v não coincidir com o texto que inicia o fl. 166.

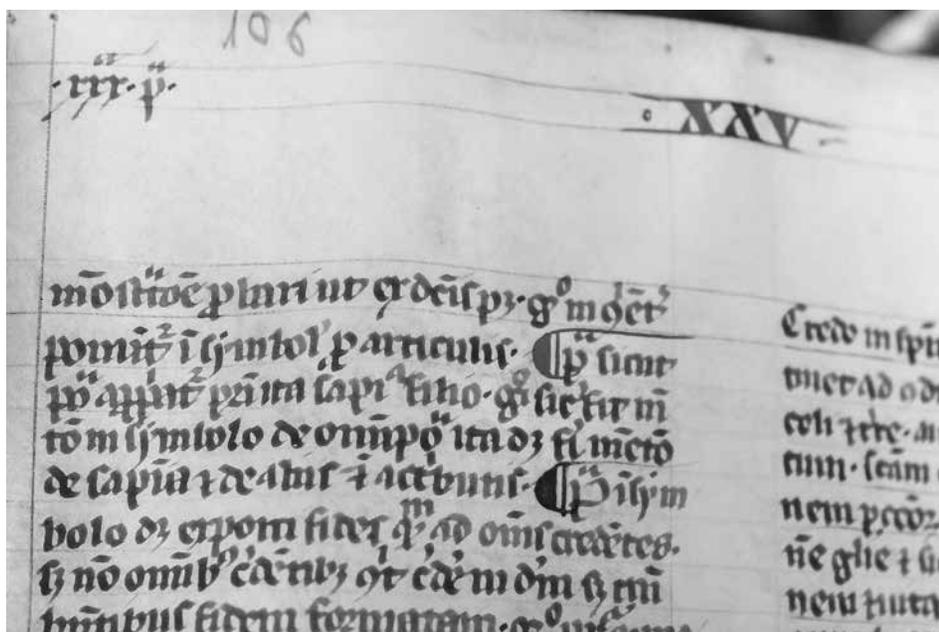


Fig. 7 – Alc. 265, pormenor marca de *pecia*, fl. 106 © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

Este manuscrito exhibe dez marcas de *pecia*⁶², cada uma constituída por cerca de 5 fólhos (Fig. 7). Este manuscrito tem ainda entre os fl. 188v e fl. 191 uma tábua de capítulos estruturada a partir das 40 Distinções, com os respetivos capítulos. Rosa Pereira menciona ainda uma nota, uma marca de pertença ao Mosteiro de

61 Sobre este manuscrito ver Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça*, p. 97. Deusdado Ferreira – *La philosophie thomiste en Portugal...*, p. 308 et 309. *Inventário dos códices alcobacenses*, p. 236, Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500*, p. 181. Aires do Nascimento – *O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência...*, p. 251. Isaiás da Rosa Pereira – *A Pecia em manuscritos universitários...*, p. 266 a 267.

62 Isaiás não assinalou a XX *pecia*, no fl. 60 Isaiás da Rosa Pereira – *A Pecia em manuscritos universitários...*, p. 267.

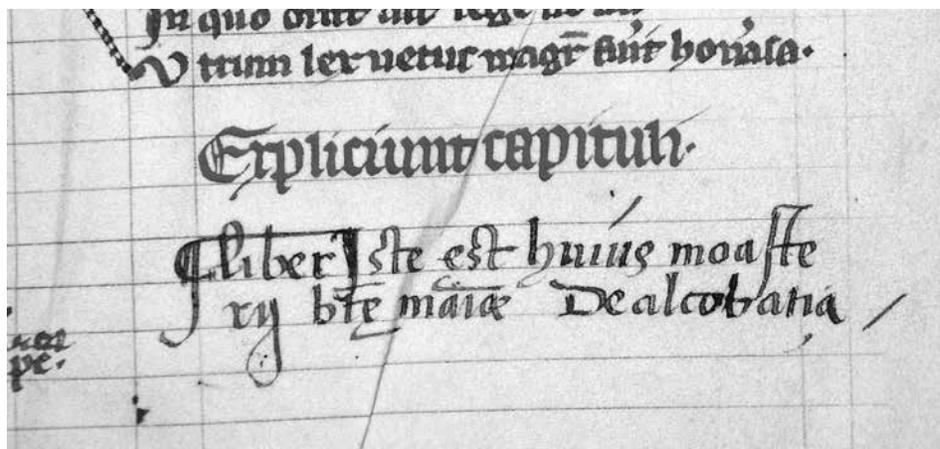


Fig. 8 – Alc. 265, fl. 191 © Biblioteca Nacional de Portugal,
Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

Alcobaça visível no fl. 191: *Expliciunt capituli Liber iste est huius mo[n]asterii beate marie de alcobatia*⁶³. (Fig. 8).

Em termos de decoração iluminada, as *Quaestiones* estão destacadas com iniciais puzzle, filigranadas, com as hastes em alternância cromática azul e vermelha, e os capítulos foram pontuados com iniciais de cor filigranadas, muito próximas às dos manuscritos anteriores.

3.5. Alc. 266, *Summa Theologica, Livro II, 1ª parte*, Tomás de Aquino⁶⁴

No que concerne à decoração iluminada, no fl. 1 vemos uma inicial ornada, tendo cada *Quaestione* sido assinalada com uma inicial de cor filigrana e os capítulos sinalizados com iniciais de cor também filigranadas, mais pequenas. No final, a tábua dos capítulos organizada por questões, num total de 114, e no fl. 186v termina o texto com o *Expliciunt capitula prime partis secundi libri sume editi a fratre thoma de aquino ordinis fratrum predicatorum*. À semelhança do Alc. 269, não conseguimos encontrar marcas de *pecia* neste manuscrito, mas pelas proximidades codicológicas com os manuscritos anteriores, nomeadamente pelas características das iniciais filigranadas, acreditamos que também tenha tido origem no mercado livreiro de apoio à universidade de Paris.

63 Isaías da Rosa Pereira – A *Pecia* em manuscritos universitários..., p. 266.

64 Sobre este manuscrito, ver Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 99. Deusdado Ferreira – *La philosophie thomiste en Portugal*, p. 309. *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 239. Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500...*, p. 181

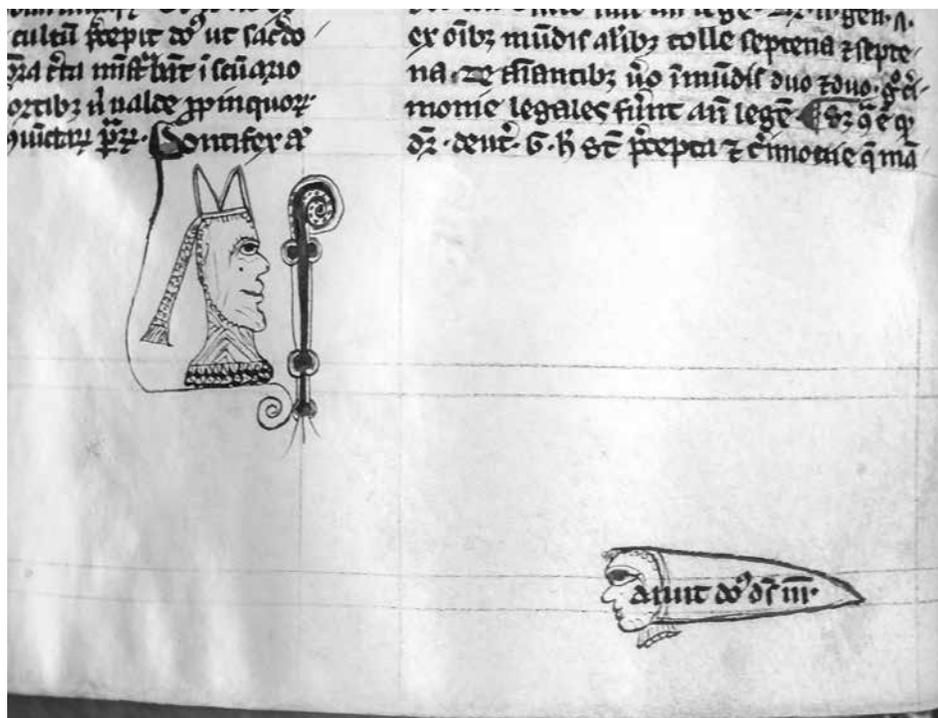


Fig. 9 – Alc. 266, desenho marginal e reclame, fl. 156v © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

Os aspetos mais significativos deste manuscrito são os desenhos marginais que o mesmo exhibe e que devem ser contemporâneos ao manuscrito: desde mãos, a cabeças expressivas, quer humanas, quer animais, e também nos reclames a partir do 8º caderno. No entanto, o 13º caderno é o que exhibe o maior número de desenhos marginais. São rostos de perfil e de frente desenhados em vários fólhos (fl. 102, fl. 138v, fl. 145), um bispo com o seu báculo na palavra *Pontifex* (fl. 156v) (Fig. 9), um cálice, um burro a enquadrar o reclame (fl. 144v) e um pássaro pousado num cálice (fl. 155). Segundo Mary Carruthers⁶⁵ e tal como dissemos a propósito dos animais das hastes do fl. 1 do manuscrito Alc. 261, estes desenhos marginais, mas também as glosas e os comentários que os acompanham constituíam-se como estratégias de mnemónica do texto.

Por fim, salientamos um dado interessante: no fl. 187 uma assinatura, *Frater Matheus*⁶⁶. Será o nome de um dos copistas do texto, do autor dos desenhos ou do proprietário do manuscrito?

65 Mary Carruthers – *The book of memory...*, p. 274 e seguintes.

66 Agradecemos ao Mário Farelo que nos leu esta assinatura.

3.6. Alc. 264, *Expositio in Evangelium Matthei*, Nicolau Gorranus⁶⁷

O manuscrito está incompleto, faltando-lhe o primeiro fólio, que foi cortado, como se pode observar pelos vestígios existentes e pelo início do texto do comentário, que devia ser *Matheus. Presens prologus in tres partes dividitur, in quarum prima actor describitur* como podemos ler no manuscrito 0070 da Biblioteca Municipal de Avignon. O que é na atualidade o fl. 1 corresponde ao texto do fl. 2, cujo texto é *Liber generationis Jhesu Christi. Sicut fluuius de loco voluptatis egrediens ad irrigandum paradisum*. No entanto, este detalhe não foi mencionado no *Index*⁶⁸, aparecendo indicado que o início da obra é *Sicut fluuius (de loco voluptatis ...)*, assinalado a meio do atual fl. 1, pela inicial puzzle filigranada, com haste em alternância cromática azul e vermelha.

Segundo Rosa Pereira⁶⁹, falta-lhe também o último ou últimos fólhos, porque o *Comentário* acaba incompleto em *Item queritur de forma baptismi* (tal como o manuscrito 0070 da Biblioteca Municipal de Avignon). A descrição do *Index* menciona o

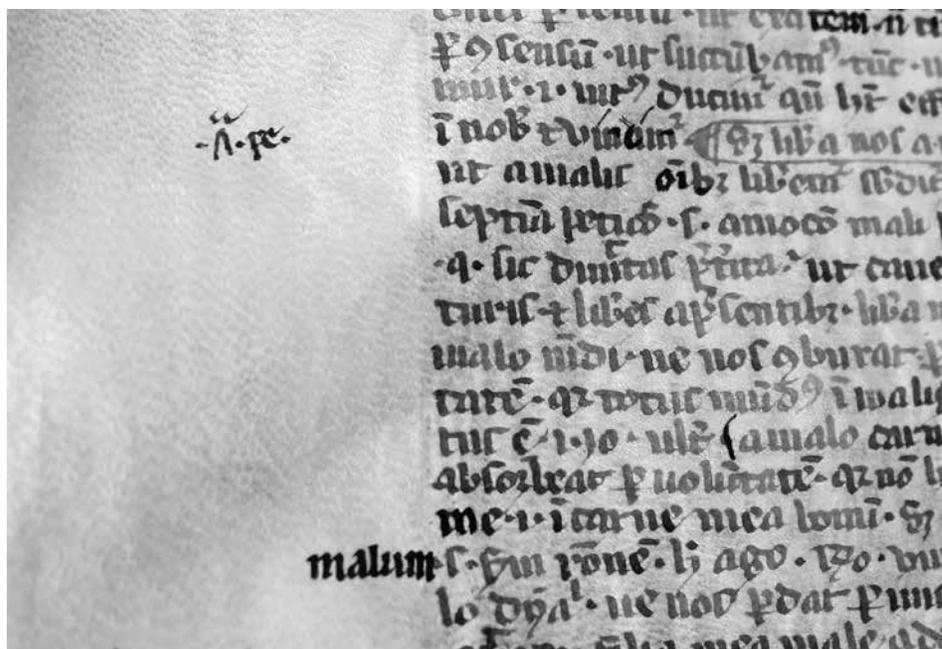


Fig. 10 – Alc. 264, pormenor de marca de *pecia*, fl. 30v © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

67 Sobre este manuscrito, ver Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 58. *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 235 e 236. Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500*, p. 180, Isaias da Rosa Pereira – *A Pecia em manuscritos universitários...*, p. 265 a 266.

68 Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 58.

69 Isaias da Rosa Pereira – *A Pecia em manuscritos universitários...*, p. 265.

mesmo número de fólhos que o manuscrito tem hoje, 162: o que se pode concluir é que estas mutilações foram feitas antes da redação do *Index*, em 1723.

Tem assinaladas dezassete *peciae*⁷⁰, quase todas de modo distinto (Fig. 10). O manuscrito está anotado e sublinhado e exhibe marcas de uso e de estudo. No entanto, se do ponto de vista codicológico é um manuscrito mais irregular que os anteriores, no que concerne à decoração iluminada, as suas iniciais são semelhantes às dos manuscritos mencionados.

3.7. Alc. 40, *Legenda Dourada*, Jacques de Voragine⁷¹

Este manuscrito tem assinaladas um total de treze *peciae*. Pelo seu mapeamento percebe-se que a média foi de 5 a 6 fólhos por *pecia*, ou seja, duas *peciae* por caderno, o que está de acordo também com o que verificamos no Alc. 265 (Fig. 11).

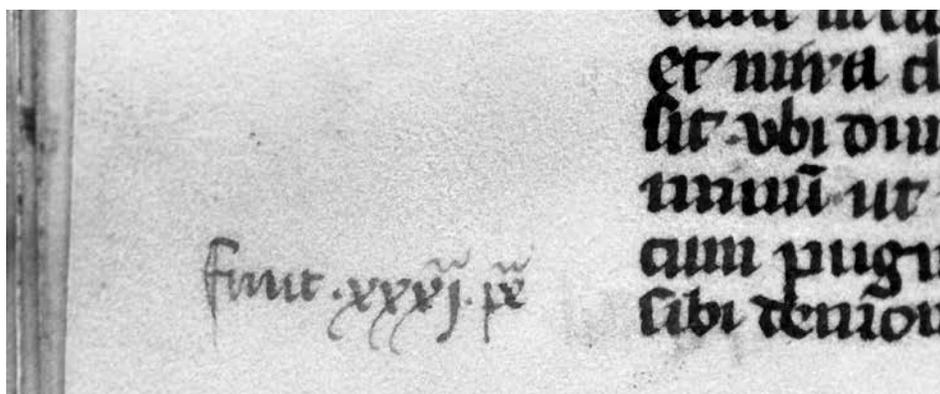


Fig. 11 – Alc. 40, pormenor de marca de *pecia*, fl. 169v © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

Entre os fl. 1v e fl. 2v tem uma tábua de capítulos, em duas colunas, com notas marginais que indicam a divisão dos santos pelos meses e a indicação do número do capítulo. E no fl. 370v o *Explicit legenda s[an]cto[rum] deo gratias amen; Explicit explicat ludere scriptor eat; scriptor qui scripsit cum xpo uiuere possit; Explicit totum p[ro] pena; Da michi potum; Deus in adiutorium meu[m] intende; Explicit legenda s[an]cto[rum]* seguido de sete linhas de texto raspado.

A sua decoração exhibe iniciais puzzle filigranadas com hastes em alternância cromática, em azul, vermelho e violeta, esta última exclusivamente aplicada à fili-

⁷⁰ Isaías só detectou 12 *peciae*, Isaías da Rosa Pereira – *A Pecia em manuscritos universitários...*, p. 265.

⁷¹ Sobre este manuscrito ver Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 132. *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 43. Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500...*, p. 119.

grana. A sua decoração foi hierarquizada do seguinte modo: as festividades mais importantes foram assinaladas com uma inicial puzzle filigranada a duas cores, com haste: Prólogo (fl. 1); Advento (fl. 2v); Natal (fl. 20) uma das maiores iniciais, porque ocupa dez espaços interlineares; S. Vicente (fl. 52); Purificação da Virgem (fl. 69); Anunciação (fl. 92v); Sexta-feira Santa (fl. 95v); etc. As iniciais de cor com filigrana que se estende pelas margens foram reservadas para santos e festas significativas: Sto. Estevão (fl. 24); a Conversão de S. Paulo (fl. 58v); S. Bento (fl. 87), em que as iniciais ocupam entre quatro a nove espaços interlineares. Por fim, os capítulos dedicados aos santos com festas de menor importância litúrgica, bem como os capítulos introdutórios, foram assinalados com uma inicial de cor com filigrana, de menor escala (Fig. 12).

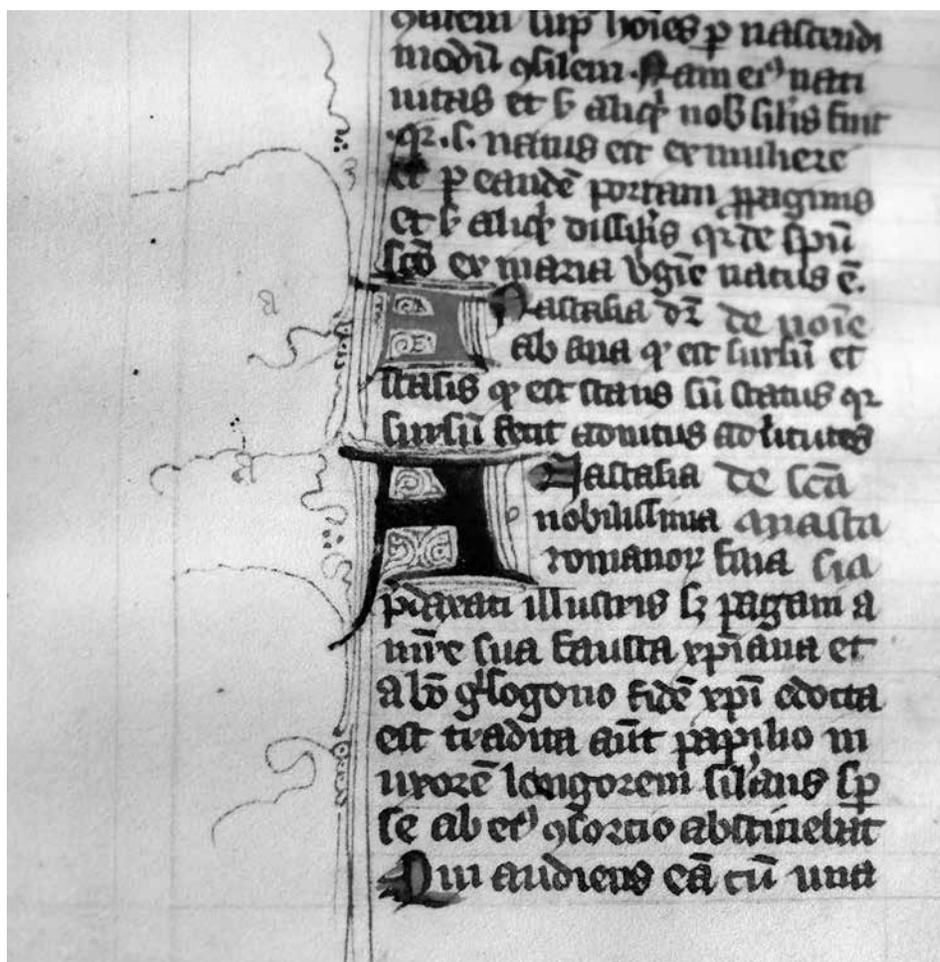


Fig. 12 – Alc. 40, pormenor das iniciais de cor filigranadas, fl. 23v © Biblioteca Nacional de Portugal, Fotografia de Catarina Fernandes Barreira.

4. Análise dos manuscritos

Sobre os códices mencionados, podemos afirmar que quase todos faziam parte do percurso académico de Teologia⁷². A *Summa* de Tomás de Aquino é uma exceção, mas enquanto exercício especulativo de Teologia rapidamente se difundiu em contexto universitário⁷³. Tomás de Aquino está muito bem representado e cabe aqui mencionar que, para além das obras referidas, a livraria de Alcobaça ainda possuía mais dois códices deste autor, o Alc. 262, um conjunto de opúsculos e questões e o Alc. 268, *Liber de veritate catholicae fidei contra errores infidelium*.

Queremos destacar, também, que, as obras dos três autores, Tomás de Aquino, Nicolau Gorranus e Voragine, todos dominicanos, tiveram uma divulgação muito rápida em contexto universitário, o que é um dado invulgar se pensarmos que, quer Nicolau Gorranus, quer Voragine, não foram mestres universitários⁷⁴. Esta divulgação rápida das suas obras aparece confirmada pela sua presença nas duas listas onde foram registados os preços de manuscritos feitos à *pecia* que sobreviveram dos estacionários de Paris. Os estacionários tinham exposto, à vista de todos, umas listas – *taxatio*⁷⁵ – onde aparecia mencionado o título da obra e autor, bem como o número de *peciae* que constituíam cada uma das obras. Sobreviveram duas dessas listas, uma datada de 1275 e a outra de 1304⁷⁶. As obras aqui referenciadas aparecem na lista de 1304, do estacionário André de Senonis. No caso do Alc. 261, que tinha assinaladas 90 *peciae* (a última encontra-se no fl. 263, apesar do manuscrito acabar no fl. 269), temos a menção seguinte na lista de 1304: *Item super quartum sententiarium Lxxx et xiii peciae* ou seja, um total de 93 *peciae*, o que não é muito distante do número de fólios do nosso manuscrito depois da última *pecia*. No que concerne ao *Comentário* de Nicolau Gorranus, os dados também parecem bater certo: no manuscrito, a *pecia* XLI foi assinalada no fl. 152v (e o manuscrito acaba, incompleto, no fl. 162v) e na lista de 1304 temos, para este texto, um total de 43 *peciae*.

Um texto que aparece nas duas listas é a *Legenda Dourada*, de Voragine. No entanto, não se trata concretamente de um texto universitário mas, sim, de uma *com-*

72 Neste âmbito, ver Thomas Falmagne – Les Cisterciens et leurs bibliothèques..., p. 32 e seguintes; ver Caroline Obert-Piketty – Les lectures et les œuvres des pensionnaires..., p. 251 a 257; Olga Weijers – *Scholar's Paradise*. Monique Cécile Garande – Les anciennes bibliothèques du XIIIe au XVe siècle. In André Vernet (dir.) – *Histoire des bibliothèques françaises...*, p. 69 e seguintes.

73 Sobre a tentativa de Aquino, de substituir o *Comentário às Sentenças* pela *Summa*, ver Philipp W. Roseman – *The story of a great medieval book. Peter's Lombard Sentences...*, p. 83.

74 Gilbert Dahan – L'enseignement de la théologie. In Jacques Verger e Olga Weijers (coord.) – *Les Débuts de l'enseignement universitaire à Paris...*, p. 256; Chloé Mailet – *La parenté hagiographique (XIII^e-XVe siècle). D'après Jacques de Voragine et les manuscrits enluminés de la Légende dorée*. Turnhout: Brepols, 2014, p. 33.

75 Paloma Cuenca Muñoz – El libro en el siglo XIII: La *pecia*. In *Jornadas sobre Documentación del reino castellano-leonés (siglos X-XIII)*. Madrid, UCM, 2002, p. 239.

76 Publicada a lista de 1304 por Heinrich Denifle e Albert Chatelain (eds.) – *Chartularium Universitatis Parisiensis, vol.2/1: Ab anno MCCLXXXVI ad annum MCCCCL*, p. 107-110.

*pilatio*⁷⁷ de textos hagiográficos, com um valor significativo para a época por causa das suas características enciclopédicas e significado litúrgico⁷⁸, imprescindível para a pregação. Este texto também fez parte do conjunto de manuscritos do Colégio de S. Bernardo⁷⁹.

Os manuscritos exibem todos as mesmas características: texto abreviado, de aspeto compacto, distribuído em duas colunas, espaço nas margens para comentários e notas, e pouca decoração iluminada, para não encarecer o custo do manuscrito. A sua principal função era assinalar, através de hierarquias visuais como a escala, a cor, a presença ou não de hastes, as diferentes partes em que se estruturava o texto. Os fólhos respeitantes aos inícios dos textos ou do prólogo exibem a inicial mais complexa, historiada (Alc. 269); ornada com hastes onde se desenrolam cenas (Alc. 261); ornada (Alc. 266) ou puzzle filigranada com hastes em alternância cromática azul e vermelha (Alc. 40), e por fim, inicial de cor com filigrana para assinalar os capítulos⁸⁰. Nas margens de cabeça aparece assinalado o número do livro ou a parte, e quase todos os códices apresentam uma tábua de capítulos, o que facilitava a consulta. Na maioria destes manuscritos também verificámos a presença de pequenas marcas ou sinais para organizar os cadernos corretamente, bastante visíveis no Alc. 417, sob a forma de numeração, a lápis, no canto inferior direito do primeiro fólio de cada caderno.

5. A datação dos manuscritos

A partir dos dados mencionados, e no intuito de situar cronologicamente os códices abordados, aplicámos a metodologia de Patricia Stirnemann⁸¹ que incide sobre as características formais da filigrana dos manuscritos e de como essas características nos podem ajudar a datá-los aproximadamente. Um aspeto positivo foi termos neste conjunto um manuscrito que tem a data da sua aquisição (Alc. 261, 1285). A data da elaboração dos textos é um outro dado a ter em conta: por exemplo, o manuscrito da *Legenda Dourada*, Alc. 40, tem de ser posterior a 1260, data em que se pensa que o texto foi concluído por Voragine⁸². As duas partes da *Summa* de Tomás de Aquino, o Alc. 269 e o Alc. 266, deverão ser posteriores a 1274, data da sua redação. Por fim, outro indício importante foi a inclusão dos textos mencionados na lista de manuscritos feitos à *pecia* do estacionário de Paris de 1304.

77 Jacques Le Goff – *À la recherche du temps sacré*. Paris: Editions Perrin, 2014, p. 9 et suivants.

78 Chloé Mailliet – *La parenté hagiographique...*, p. 34 e 41.

79 Caroline Obert-Piketty – *Les lectures et les œuvres des pensionnaires...*, p. 263.

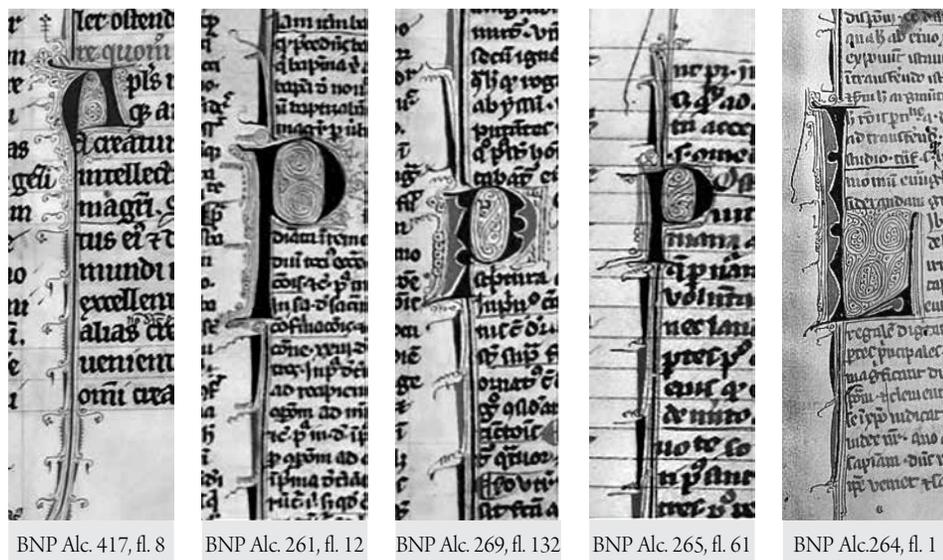
80 Olga Weijers – *A Scholar's Paradise...*, p. 177 e seguintes.

81 Patricia Stirnemann – *Fils de la Vierge. L'initiale à filigranes parisiennes: 1140-1314. Revue de l'Art*. 90 (1990), p. 69 e 70.

82 Jacques Le Goff – *À la recherche du temps sacré*, p. 8; Chloé Mailliet – *La Parenté Hagiographique...*, p. 33.

A partir dessa base, elaborámos as seguintes tabelas, onde comparamos as características das iniciais dos manuscritos apresentados. No caso da tabela 2, destacamos as iniciais que assinalam as grandes secções de texto e parte das suas hastes: é visível a relação da filigrana que envolve e preenche a inicial de cor ou inicial puzzle, bem como a sua haste.

Tabela 2



No que concerne à tabela 3, apresentamos as iniciais que assinalam os capítulos, no caso, a inicial de cor A e a respetiva filigrana: as semelhanças entre as iniciais são bastante evidentes.

No que diz respeito ao Alc. 417, em relação à sua datação, quer o *Inventário dos códices alcobacenses*⁸³, quer o *Inventário dos Códices Iluminados*⁸⁴ indicam ambos o séc. XIV, uma cronologia que não se articula com os dados enunciados. A partir da análise do manuscrito, propomos uma datação por volta da 2ª metade do séc. XIII: não deve ser anterior a 1240/50 pois já está dividido em *Distinções*⁸⁵ contemporâneas da cópia, assinaladas nas margens e a cor⁸⁶; pela extensão e especificidade das glosas e comentários, é um manuscrito ligado à universidade (a entrada das *Sentenças* no currículo de Teologia ocorreu entre 1240 e 1250, mas certamente após 1250⁸⁷) e

83 *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 394 e 395.

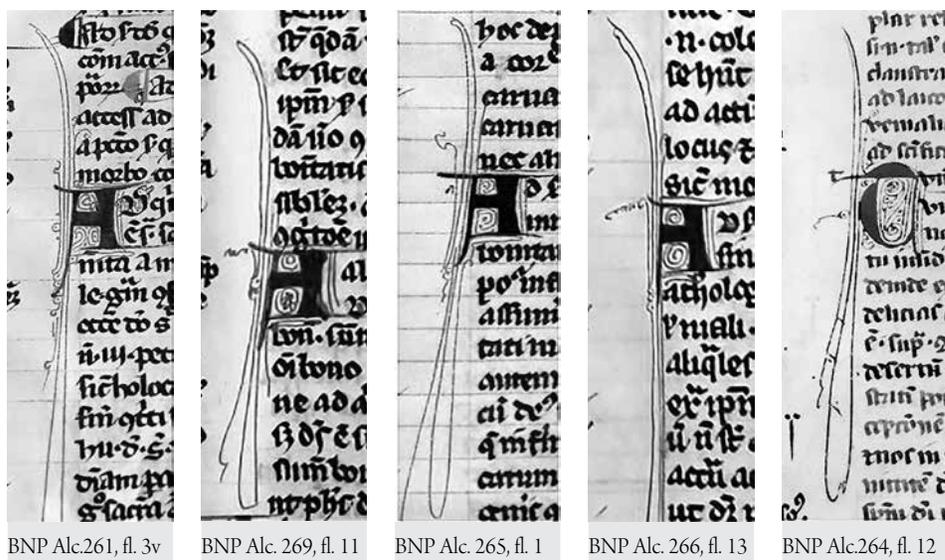
84 Isabel Cepeda e Teresa Duarte Ferreira – *Inventário dos códices iluminados até 1500...*, p. 224.

85 A divisão do texto em *Distinções* deve-se a Alexandre de Hales, em torno de 1240. In Philipp W. Roseman – *The story of a great medieval book*, p. 60 e seguintes; Pierre Lombard e Marc Ozilou (Intr., trad. e notas) – *Les quatre livres des Sentences...*, p. 37 e seguintes.

86 Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 101

87 Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 84 e 85.

Tabela 3



foi produzido à *pecia*⁸⁸. Com base no estudo de Stirnemann⁸⁹ sobre as características das filigranas dos manuscritos de produção parisiense, propomos, assim, a data de 1260/1270 para este manuscrito: as iniciais de cor filigranadas do Alc. 417 apresentam muitas semelhanças com as características formais das iniciais de cor filigranadas de um conjunto de manuscritos copiados em Paris, cronologicamente situados entre 1250 e 1270.

O Alc. 261 tem a data da aquisição, 1285, mas foi decerto copiado e iluminado antes: em termos decorativos, e a partir das características das suas iniciais de cor filigranadas, está muito próximo dos outros manuscritos. Assim, os manuscritos Alc. 269, Alc. 265, Alc. 266 e Alc. 264 (e também o Alc. 261) estão de acordo com a cronologia estabelecida por Stirnemann para as filigranas de manuscritos parisienses, isto é, entre 1270 e 1314, que a historiadora da arte caracteriza do seguinte modo “Il s’agit d’une période de simplification, de dépouillement (...) les antennes font de simples aller-retours, retombant avec lassitude sous l’initiale”⁹⁰. Estas datações estão muito perto das propostas pelo *Inventário dos códices alcobacenses*⁹¹.

88 Claire Angotti chama a atenção para o facto da datação que J. Destrez havia proposto para os primeiros manuscritos feitos à *pecia* está a ser posta em causa, referindo a data de 1247 para os primeiros manuscritos produzidos através deste método de cópia na universidade de Paris (mas é anterior na universidade de Bolonha), cf. Claire Angotti – *Les débuts du Livre des Sentences...*, p. 76 e nota 78.

89 Patricia Stirnemann – *Fils de la Vierge. L’initiale à filigranes parisiennes...*, p. 69 e 70.

90 Patricia Stirnemann – *Fils de la Vierge. L’initiale à filigranes parisiennes...*, p. 71.

91 *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 232 a 24.

No que diz respeito ao Alc. 40, o *Inventário dos códices alcobacenses*⁹² situa-o entre os finais do séc. XIII, inícios da centúria seguinte, proposta com a qual concordamos, tendo em conta que Voragine redigiu a *Legenda Dourada* em torno de 1260⁹³. Por outro lado, as iniciais filigranadas exibem características comuns às iniciais que Stirnemann enquadra no período 1270/1314 e exibem, segundo esta especialista, um motivo característico do mesmo, três pontos dispostos em triângulo⁹⁴ (ver Fig. 12) motivo que também vemos na filigrana das iniciais de cor deste manuscrito: são exemplo os fl. 20, fl. 23v, fl. 24; fl. 36, etc.

No entanto, Patricia Stirnemann também alerta para o seguinte: “the motif first occurs in the last decade of the thirteenth century in Paris and persists until the third quarter of the fifteenth century. The form itself cannot be even be used to characterized books of the fourteenth century”⁹⁵. Por este motivo, o estudo deste manuscrito é um *work in progress* que pretendemos continuar a desenvolver, nomeadamente tendo também em conta o uso da cor violeta na filigrana, uma característica que os outros manuscritos não exibem e cujo uso deve ser contextualizado cronologicamente através do confronto com outros manuscritos.

6. Os manuscritos e a livraria de Alcobaça

Podemos afirmar com certeza que os manuscritos, agora estudados, fizeram parte da livraria de Alcobaça e apontar a data aproximada em que a integraram? Do Mosteiro de Alcobaça não chegou aos nossos dias nenhum inventário medieval, à semelhança do que aconteceu com outras bibliotecas, mas temos um conjunto significativo de inventários e róis de livros elaborados entre o séc. XVII e o séc. XIX⁹⁶. No âmbito deste estudo salientamos o *Radius Radiolorum*, um inventário datado de 1684⁹⁷, organizado em dois volumes, da autoria do bibliotecário Bento de S. Bernardo, que informa que a biblioteca se organizava topograficamente e que os livros – impressos e manuscritos – estavam guardados em caixas, designadas *capsellae*, que por sua vez se dividiam em volumes. O *Radius* exhibe uma planta da biblioteca, com

92 *Inventário dos códices alcobacenses...*, p. 42 e 4.

93 Jacques Le Goff – *À la recherche du temps sacré...*, p. 8 e Chloé Maillot – *La parenté hagiographique...*, p. 31 e seguintes.

94 Patricia Stirnemann – *Fils de la Vierge. L’initiale à filigranes parisiennes...*, p. 71.

95 Patricia Stirnemann – *Dating, Placing and Illumination. The Journal of the Early Book Society for the Study of Manuscripts and Printing History*. 11 (2008) p. 156 e 162.

96 Sobre estes inventários ver: Luana Giurgevic e Henrique Leitão – *Clavis Bibliothecarum. Catálogos e Inventários de Livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Lisboa: SNBCL, 2016 e Fernanda Campos – *Para se achar facilmente o que se busca. Bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. Lisboa: Caleidoscópio, 2015.

97 Frei Bento de São Bernardo – *Radius Radiolorum Radii Bibliothecae Secundariae Regalis Archicoenobii Alcobacensis* [Manuscrito], Alcobaça, 1684 e Frei Bento de São Bernardo – *Radius Bibliothecae Secu[n]dariae Regalis Archicoenobii Alcobacensis* [Manuscrito] / *Ex quo Radioli Bis duodecim radiant*, Alcobaça, 1684. Sobre este catálogo, ver: Fernanda Campos – *Para se achar facilmente o que se busca...*, p. 166 e seguintes.

os números das *capsellae*. Os manuscritos de Tomás de Aquino estavam conservados na *capsella* nº 2, vol. 12 (os *Comentários* ao III e ao IV livro das *Sentenças*, os Alc. 265 e Alc. 261); vol. 15 (que continha a I parte da *Summa*, o Alc. 269); vol. 16 (II Parte da *Summa*, o Alc. 266). No que concerne às *Sentenças* de Pedro Lombardo – Alcobaça tinha mais dois manuscritos⁹⁸, para além do Alc. 417 – e estavam guardados na *capsella* 149, vol. 2367. Por fim, a *Legenda* estava na *capsella* 179, vol. 3142. Não conseguimos localizar o *Comentário* de Nicolaus Gorranus pelo facto do nome do autor ser desconhecido à época da redacção do Inventário.

Nos inícios do séc. XVIII, Frei Manuel dos Santos, monge de Alcobaça e Cronista-mor do reino, faz uma *Descrição do Mosteiro*⁹⁹, onde relata sumariamente a livreria manuscrita e menciona os manuscritos de Tomás de Aquino e o *Mestre das Sentenças*¹⁰⁰. Sobre as obras do dominicano, diz Manuel dos Santos que devem ter sido escritas antes da sua canonização (1323) “porque o nomeiam ainda pelo nome de Fr. Thomas”¹⁰¹.

De 1723, pela mão do monge Manuel da Rocha, o *Index dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça*. Confirma-se, neste inventário, a presença dos três manuscritos das *Sentenças*, mas em relação à obra de Tomás de Aquino, Manuel da Rocha refere que “Forão escritas estas obras do T. no mesmo tempo que este as ditava”¹⁰². Menciona alguns dados sobre os manuscritos: o anonimato da *Expositio in Matheum* e no caso da *Legenda Dourada* indica o seguinte “Jacobus dominicanus Archiep. Genuensis – Flores Sanctorum”¹⁰³.

Entretanto, em 1775, o monge Francisco de Sá redige o *Index codicum*, um livro impresso, já aqui mencionado a propósito da descrição de vários manuscritos e, em 1827, Fortunato de S. Boaventura escreve um comentário ao *Index codicum*, o *Commentariorum de Alcobacensi*: nestas duas obras, todos os manuscritos tratados neste artigo foram assinalados e têm a cota antiga (receberam a cota atual entre a sua integração na BNP, em 1834 e o *Inventário* de 1930/78).

Lembramos que, no caso do Alc. 265, temos no fl. 191 uma nota, não datada, que explicita a pertença ao Mosteiro: *Liber iste est huius mo[n]asterii beate marie de alcobatia*¹⁰⁴ (ver Fig. 8). Partindo destes dados, podemos concluir que este conjunto de manuscritos já fazia parte da biblioteca da abadia antes de 1684. Mas quando é que estes terão chegado à abadia? Acreditamos que tenham chegado entre o último

98 Catarina Fernandes Barreira – Os Livros das Sentenças de Pedro Lombardo na Biblioteca de Alcobaça..., p. 32-39.

99 Frei Manuel dos Santos – *Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça*. BNL Alc. 307, fols. 1 – 35. Leitura, introd. e notas por Aires Nascimento. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça, 1979.

100 Frei Manuel dos Santos – *Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 65 et 66.

101 Frei Manuel dos Santos – *Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 65.

102 Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 56.

103 Frei Manuel da Rocha – *Index Dos Livros manuscritos que há no Real Mosteiro de Alcobaça...*, p. 54.

104 Isaiás da Rosa Pereira – A Pécia em manuscritos universitários..., p. 266.

quartel do séc. XIII e os inícios do séc. XIV, numa data não muito distante da sua produção. Do estudo que temos vindo a desenvolver sobre alguns manuscritos produzidos pelo *scriptorium* de Alcobaça, datados da 1ª metade do séc. XIV (por exemplo, o missal Alc. 26¹⁰⁵, o *Compendium Theologicae Veritatis*, Alc. 376¹⁰⁶ e o breviário Alc. 54) podemos atestar a influência francesa que estes manuscritos revelam e que constitui uma mudança em relação às características da produção iluminada do *scriptorium* na 1ª metade do séc. XIV e em particular ao nível das iniciais com filigrana, que se inspiraram diretamente nos referidos manuscritos de origem francesa. Constatámos, também, mudanças nos materiais usados para iluminar, como o trabalho recente de uma equipa interdisciplinar da qual fizemos parte, em torno do breviário Alc. 54, veio asseverar¹⁰⁷. O *scriptorium* de Alcobaça esteve recetivo a novidades, absorveu-as e adaptou-as ao seu contexto e a seu modo¹⁰⁸.

Desta maneira, acreditamos ter conseguido confirmar, através dos manuscritos mencionados, a ligação da abadia de Alcobaça e dos seus monges ao contexto universitário parisiense, nomeadamente ao Colégio de S. Bernardo, a partir da 2ª metade do séc. XIII. Ideia reforçada pelo testemunho do cronista Manuel dos Santos, na obra *Alcobaça Ilustrada*, onde o autor refere que não constava que os monges de Alcobaça tivessem ido estudar para os colégios de Navarra ou Salamanca, mas sim para Paris¹⁰⁹. De que dados dispunha Manuel dos Santos para o afirmar? Não o sabemos.

Esta ligação já havia sido abordada por Aires do Nascimento, a propósito da presença significativa dos livros de Teologia em Alcobaça: “Faltam indicações concretas do percurso que boa parte desses textos fizeram para chegarem à biblioteca de que ficaram a fazer parte; não se lhes podem negar, no entanto, intenções e certamente usos que estarão na origem da sua chegada até Alcobaça e terão de ser recuperados por aprofundamento do seu estudo.”¹¹⁰

A ida de estudantes para Paris e a circulação de manuscritos universitários está, como não podia deixar de ser, relacionada com o contexto de abertura cultural que caracteriza a Ordem de Cister, ao qual Alcobaça não ficou indiferente, neste período: em 1269, o abade D. Estevão Martins fundou um *studium* na abadia para instrução

105 Catarina Fernandes Barreira – Um missal alcobacense dos inícios do séc. XIV (Alc. 26). In D. Ciccarelli e Maria Alessandra Billotta – *Europe in Motion. The circulation of artists, images, patterns and ideas from the Mediterranean to the Atlantic Coast*. Palermo: Officina de Studi Medievali, 2015 (in press).

106 Catarina Fernandes Barreira – *Le Compendium theologiae veritatis de l'abbaye d'Alcobaça...*, p. 105-129.

107 Trabalho interdisciplinar levado a cabo por uma equipa constituída por especialistas na área da História da Arte, Conservação e Restauro e Química: Catarina Fernandes Barreira, Maria João Melo, Rita Araújo e Conceição Casanova – *Through the eyes of Science and Art: a fourteenth century winter Breviary from Alcobaça scriptorium* in *Journal of Medieval Iberian Studies. Looking Ahead: New Approaches to Medieval Iberian Heritage*, Special Issue, Routledge, 2016 DOI: 10.1080/17546559.2016.1221119

108 É nossa intenção desenvolver, no futuro, em colaboração com uma especialista em encadernação, um projeto em torno da encadernação destes manuscritos. Os dados resultantes podem lançar novas pistas de investigação.

109 Aires do Nascimento – *O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência...*, p. 250.

110 Aires do Nascimento – *O livro de teologia: génese de uma estrutura e estruturação de uma ciência...*, p. 251.

dos monges da ordem¹¹¹. Alcobaça apoiou o rei D. Dinis na fundação da universidade em Lisboa ou *Studium generale*, entre 1288 e 1290¹¹² e o mesmo monarca, em 1294, formulou um pedido de autorização ao Capítulo Geral de Cister para fundar em Portugal um *studium ordinis*, ou seja, um colégio cisterciense, um gesto em articulação com os Colégios de Montpellier e Estella, ambos fundados em 1260 (este último transferido para Salamanca tal como já mencionado), bem como Toulouse e Oxford, fundados em 1280¹¹³. Este pedido do rei ao Capítulo Geral foi interpretado por Saul Gomes:

“Item inspectio loci (...) bonam, ubi dominus rex Portugalliae fieri petit studium ordinis nostri, de Salceda et de Sancto Iohannem de Teraca abbatibus committitur ut diligenter inspiciant, et dicti regis petitionem efficacitar compleant, si commode fieri poterit honeste”¹¹⁴.

Ou seja, para este historiador, foi confiado aos abades de S. João de Tarouca e Sta. Maria de Salzedas a decisão de verificarem onde se deveria estabelecer o *studium*. No entanto, para Aires do Nascimento, o local é Lisboa:

“Item inspectio loci [apud Lix] bonam, ubi dominus rex Portugalliae fieri petit studium ordinis nostri, de Salceda et de Sancto Iohannem de Teraca abbatibus committitur ut diligenter inspiciant, et dicti regis petitionem efficacitar compleant, si commode fieri poterit honeste”¹¹⁵.

Ainda segundo Aires do Nascimento, esta diligência do rei garantia “apoios convenientes para assegurar o Estudo Geral, em Lisboa”¹¹⁶ através da formação de Colégios particulares em redor, à semelhança do que havia ocorrido com a Univer-

111 Esta “escola” e a sua natureza privada, estritamente vocacionada para o ensino dos monges já foi alvo de uma extensa discussão. Mário Brandão foi o primeiro a lançar a discussão, em A escola pública de Alcobaça: um embuste da historiografia alcobacense. Separata do *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. Ano V (1960), nºs. 19-20, Coimbra e Maur Cocheril – *Les Cisterciens portugais et les études. Etat de la question...*, p. 238 e seguintes; Neste âmbito, mas com outra interpretação do capítulo geral, ver o artigo de Hermínia Vilar e Maria João Branco: A fundação do mosteiro de Odivelas. In *Congresso Internacional sobre San Bernardo e o Cister en Galicia e Portugal. 17-20 Outubro 1991. Actas*. Ourense: Monasterio de Osera, 1992, p. 589-601. Recentemente, Aires A. Nascimento – Alcobaça e Odivelas, duas faces da observância cisterciense. In José Albuquerque Carreiras (coord.) – *Mosteiros cistercienses. História, Arte, Espiritualidade e Património. Actas do Congresso realizado em Alcobaça nos dias 14 a 17 de Junho de 2012*. Alcobaça: Jorlis, 2013, p. 449-469 e Saul Gomes – O Mosteiro de Alcobaça ao tempo do processo contra os Templários. In José A. Carreiras e Giulia Rossi Vairo (ed.) – *Actas do I Colóquio Internacional Cister, os Templários e a Ordem de Cristo*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2012, p. 165 e 166.

112 Ver Armando Martins – Lisboa, a cidade e o Estudo: a Universidade de Lisboa no primeiro século da sua existência. In Hermenegildo Fernandes (coord.) – *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII – XVI*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013, p. 46 e 47 e Armando Norte – Processos de Institucionalização do Estudo Geral português. In Hermenegildo Fernandes (coord.) – *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII – XVI*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013, p. 154.

113 Maur Cocheril – Les Cisterciens portugais et les études. Etat de la question..., p. 241.

114 Joseph M. Canivez – Statuta, vol. III, nº 14 cit. in Saul Gomes – O Mosteiro de Alcobaça ao tempo do processo contra os Templários..., p. 166.

115 Aires A. Nascimento – Alcobaça e Odivelas, duas faces da observância cisterciense..., p. 455.

116 Aires A. Nascimento – Alcobaça e Odivelas, duas faces da observância cisterciense..., p. 456.

cidade de Paris. Que ligação poderá ter este pedido, influenciado decerto pelo abade de Alcobaça¹¹⁷, com a circulação de monges e manuscritos aqui exposta? Podemos dizer que a livraria de Alcobaça possuía os textos necessários ao ensino da Teologia, assegurando o funcionamento do *studium ordinis*, não esquecendo que eram necessários monges habilitados, do ponto de vista da formação em Teologia, para garantir o funcionamento do Colégio.

Toda esta dinâmica, introduzida pela circulação de monges e de manuscritos revela que a abadia de Alcobaça respondeu, tal como as outras abadias cistercienses suas contemporâneas, ao progresso intelectual da época, introduzido pelos estudos universitários. Dinâmica que teve, decerto, bastante impacto na constituição das livrarias cistercienses ao abrir novos horizontes culturais¹¹⁸.

117 Aires A. Nascimento – Alcobaça e Odivelas, duas faces da observância cisterciense..., p. 459 e seguintes.

118 Emilia Jamrozik – *The Cistercian order in Medieval Europe...*, p. 212 et p. 214.